

**O CORPO DA CINEASTA:
AUTOINSCRIÇÃO NO CINEMA FEMINISTA
EXPERIMENTAL E DE VANGUARDA
(1960-1970)**

Luana
Mendonça Cabral
Estudante de
mestrado do curso de Pós-Graduação
em Cinema e Audiovisual (PPGCine)
Universidade Federal Fluminense – UFF
E-mail: luana_cabral@id.uff.br

Orientador(es): Prof^a Dr^a Marina Cavalcanti Tedesco
Universidade Federal Fluminense – UFF
E-mail: ninafabico@gmail.com

Resumo

Mapearemos, neste trabalho, as relações entre a teoria feminista dos anos 1960-1970 e o cinema feminista experimental e de vanguarda desse período, identificando, sobretudo a partir do conceito de "autoria performática" (Cecilia Sayad), a autoinscrição da realizadora no filme como um denominador comum a algumas dessas obras. A metodologia empregada, de caráter qualitativo, baseia-se, além da análise contextual, numa análise fílmica textual e na consulta de fontes bibliográficas. Faremos, por fim, um breve estudo comparado entre as políticas de autoinscrição do corpo e da sexualidade observadas nos objetos fílmicos analisados com o objetivo de compreender as diferenças narrativas e estéticas presentes nos distintos usos dessa estratégia.

Palavras-chave: Autoinscrição. Cinema Feminista. Corpo no cinema. Teoria Feminista do Cinema.

Introdução

A noção de autoria no cinema apresenta-se como um conceito complexo, por vezes contraditório e polêmico. Como coloca Jean Claude Bernadet, embora a "Política dos Autores" proposta pelos críticos da revista francesa Cahiers du Cinema entre 1950 e 1960 tenha apresentado um novo paradigma para os estudos autorais, referências à figura do autor no cinema se faziam presentes já no vocabulário de intelectuais como o cineasta Jean Epstein e o romancista Alexandre Arnoux. De lá pra cá, diversas proposições acerca do tema foram feitas, a partir de diferentes matrizes teóricas. Não raro, tais proposições derivam de estudos de autoria vindos de outros campos das artes, principalmente da

literatura, e também dos trabalhos de autores das ciências humanas dedicados a essa temática, como Barthes, Foucault e Agamben.

Em seu livro "Performative Authorship: self-inscription and corporeality in the cinema" (2013) Cecilia Sayad deriva do pensamento de de auto-construção da autoria presente no trabalho de Foucault para propôr o conceito de autoria performática, compreendendo o gesto de inscrever-se na mise-en-scène a partir das ideias de corporalidade e presença por ele invocadas. Sayad analisa filmes de cineastas como Eduardo Coutinho, Woody Allen, Jean Rouch, Orson Welles, Agnès Varda e Sarah Turner. Nosso esforço aqui passa, portanto, por expandir as referências de filmes realizados (ou co-realizados) por autoras mulheres nos quais a autoinscrição performática da realizadora se torna um recurso estético, sobretudo nos domínios do cinema experimental e de vanguarda.

Durante as décadas de 1960 e 1970, momento em que o feminismo europeu experimentava o auge de sua efervescência, o campo do cinema foi diretamente afetado pelo pensamento político-teórico da Segunda Onda Feminista. A década de 1970 marca o nascimento da Teoria Feminista do Cinema a partir da publicação de seus textos inaugurais, da atividade de revistas como *Screen* e *Camera Obscura*, e da realização de festivais como o New York Internacional Festival of Women's Films (1972). Para além de Agnès Varda, que já utilizava a autoinscrição em seu cinema, principalmente documental, desde meados da década de 1960, cineastas como Carolee Scheeneman (*Fuses*, 1965), Chantal Akerman (*Eu, tu, ele, ela*, 1974) e Barbara Hammer (*Dyketactics*, 1974) buscavam na linguagem e através do próprio corpo formas de evidenciar sensibilidades e subjetividades. Numa outra chave, Delphine Seyrig e Carole Roussopoulos (*S.C.U.M Manifesto 1967*, 1976), assim como Laura Mulvey e Peter Wollen (*Riddles of the Sphinx*, 1977), apostavam na inscrição da própria voz e do gesto enunciativo como recurso estético. Ainda, o exemplo de Helke Sander (*The All-Around Reduced Personality*, 1978) conjuga a corporalidade da realizadora e as potencialidades de enunciação evocadas a partir da inscrição da fotógrafa (interpretada pela própria cineasta) na narrativa.

De certo, esses filmes não inauguram muito menos encerram as possibilidades de autoinscrição da cineasta no cinema - lembremos dos filmes da pioneira Maya Deren (*Meshes of the Afternoon*, 1943), bem como do trabalho de cineastas contemporâneas como Trinh t. Minh ha (*Reassemblage*, 1982) e Cheryl



Dunye (*Watermelon Woman*, 1992). Todavia, cada um desses filmes se vale da autoria performática como estratégia formal e/ou narrativa, articulando-a entre o universo particular de seus interesses estéticos, afetivos e políticos. No caso de *Fuses* e *Eu, tu, ele, ela*, o corpo representado em tela, a espetatorialidade e sexualidade, todas questões caras à teoria feminista do cinema, são flexionadas também a partir de questionamentos sobre olhar, identidade e subjetividade. Temos que os tipos de corpos e sexualidades colocados, assim como as questões estéticas e políticas por eles levantadas, refletem a influência e as limitações do pensamento da Segunda Onda dentro das discussões sobre cinema e feminismo que permeavam aquele contexto, na teoria e na prática.

Esse trabalho (inédito) é um desdobramento da minha dissertação de mestrado, intitulada “Essa sou eu: corpo, autoria e autoinscrição no Cinema de Chantal Akerman”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa Narrativas e Estéticas, sob a orientação da Professora Doutora Marina Cavalcanti Tedesco.

Metodologia

A metodologia utilizada, de caráter qualitativo e teórico-empírico, consistiu numa análise textual e contextual baseada em fontes bibliográficas sobre os filmes, o contexto histórico-sócio político de sua realização, a teoria feminista do cinema e as temáticas da autoria e da autoinscrição, sobretudo a partir do ponto de vista das teóricas feministas do cinema.

Primeiramente, fizemos a exposição do contexto sócio-político em que se encontravam Europa e EUA durante os anos 1960 e 1970, enfatizando a projeção e o protagonismo da Segunda Onda Feminista e do Movimento de Liberação das Mulheres no debate público. Em seguida, mostramos como o surgimento da teoria feminista do cinema durante os anos 1970 está ligado às reivindicações desses movimentos. Fizemos, então, um levantamento sobre as cineastas feministas experimentais atuantes na Europa e nos EUA no contexto em que a Segunda Onda Feminista e o Movimento de Liberação das Mulheres explodiam na região. Encontramos exemplos bastante distintos entre si de estratégias de autoinscrição nas obras de Agnès Varda, Carolee Schneemann, Yvonne Rainer, Barbara Hammer, Laura Mulvey (ao lado de Peter Wollen), Helke Sander, Barbara Loden, Delphine Seyrig/Carolee Roussopoulos e

Chantal Akerman.

A partir do estudo comparado entre os filmes dessas cineastas, bem como do trabalho de teóricas como Cecilia Sayad, Kaja Silverman, Yvonne Tasker, Judith Mayne e Cybelle McFadden sobre a autoinscrição, analisamos o potencial político-estético da autoinscrição no cinema feminista. Temos que os filmes estudados, apesar de marcados pelo uso em comum da autoinscrição enquanto uma estratégia formal e narrativa, apresentam múltiplas propostas estéticas e conceituais. Ao agrupá-los, é possível notar um desejo em comum, que perpassa todas essas obras, de situar a figura feminina dentro dos limites da enunciação, destacando seu papel enquanto produtora de um discurso e mobilizadora de operações intelectuais e estéticas. Para além disso, é notável também uma preocupação em restituir às mulheres o domínio sobre seus próprios corpos, manifesta num desejo latente dessas cineastas por inscreverem a própria imagem em seus filmes, e fazê-lo de maneira a romper com o vocabulário estético constituído pela tradição do olhar masculino no cinema, responsável pela duradoura existência de representações estereotipadas e hiperssexualizadas desses corpos, i. e., por sua espetacularização.

Considerações finais

Observamos a recorrência de estratégias de autoinscrição no cinema feminista de vanguarda dos anos 1960 e 1970 a partir de comentários sobre as obras estudadas. Analisado o contexto de realização dos filmes comentados, temos que a essas múltiplas estratégias de autoinscrição corporal cinematográfica estão inseridas numa conjuntura marcada pela chamada Segunda Onda Feminista e pelo surgimento da teoria feminista do cinema, que deriva de discussões marcadamente ligadas às reivindicações dos movimentos de mulheres projetados nesse período.

Essa atitude em relação ao meio surge dentro de um contexto de efervescência feminista, sendo muitas das questões levantadas pelas cineastas em suas obras pautas importantes do movimento de liberação das mulheres durante a Segunda Onda Feminista. Estava ali presente de maneira explícita a busca pelo combate às estruturas de poder opressoras relacionadas ao gênero, o que incluía a tomada de poder sobre a própria narrativa em termos de trabalho,

sexualidade e, de maneira mais geral, da constituição da mulher enquanto um sujeito para além da figura do homem e de seu papel dentro da estrutura familiar.

A influência da Segunda Onda nas teorizações feministas no campo do cinema traz consigo as metodologias, temáticas e sujeitos discutidos no âmbito desse movimento. Autoras como bell hooks, Ceíça Ferreira e Teresa de Lauretis elaboraram em seus trabalhos críticas à construção da categoria "mulher" realizada pela teoria feminista dos anos 1970, apontando os equívocos metodológicos e discursivos que tornavam a desconstrução do papel de gênero por ela reivindicada uma estratégia exclusivamente à serviço de uma experiência heteronormativa e não-racializada.

Referências Bibliográficas:

BERNADET, Jean-Claude. **O autor no cinema**. A política dos autores: França - Brasil - anos 1950 e 1960. 2 ed. atualizada. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. e-PUB.

HOOKS, Bell. **Black looks: race and representation**. Boston: South End Press, 1992.

MAYNE, Judith. Female Authorship Reconsidered. In: **Woman at the Keyhole: Feminism and Woman's Cinema**. Indiana University Press: Bloomington and Indianapolis, 1990.

MCCABE, Janet. **Feminist film studies: Writing the woman into cinema**. Wallflower; Columbia University Press: Nova York, 2004. Ebook. E-ISBN 978-0-231-50300-6.

MULVEY, Laura; ROGERS, Anna Backman (orgs). **Feminisms: Diversity, Difference, and Multiplicity in Contemporary Film Cultures**. Amsterdam University Press: Amsterdã, 2015.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: **Cultura e Gênero**. Laboratório Interdisciplinar de Estudos do Gênero – LIEG: Campinas, 2001. Disponível em: <http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>. Acesso em 07/09/2019.

SAYAD, Cecilia. **Performative authorship: self-inscription and corporeality in the cinema**. London: I.B.Tauris & Co., 2013.